



FUNERAL NAGÔ

Em Pôrto Alegre, Como No Resto Do Brasil, Enterra-se Gente À Maneira Africana

Texto de CARLOS GALVÃO KREBS

Fotos de LÉO GUERREIRO

MANHA de domingo. O sol, entre curioso e constrangido, ora esplava pelo meio das nuvens, ora se escondia atrás delas.

Pelas ruas da capital gaúcha desfilava um bizarro cortejo, colorido e ruidoso, em pleno tempo de quaresma. Ônibus e bondes, como carros, diminuíam a marcha, passantes se detinham, todos para apreciar a cena. Muita gente de início sorria alegre e começava a gingar o corpo em meneios de samba carnavalesco. Mas logo dava com o olhar sobre o caixão fúnebre que ia pulsendo pelas pessoas da cabeça do préstito. Sobrevinha o respeito e a solidariedade humana.

Era o entérro de um pai-de-santo

da linha de Oiô. Aquêlê que entende um pouquinho das religiões afro-brasileiras já percebe que se trata de um chefe-de-culto nagô, yorubano, que no presente caso se chamava Florentino Pereira da Silva, ou simplesmente "pai Florentino".

O cortejo, da casa mortuária ao cemitério civil, é a parte mais ostensiva do funeral nagô. Tanto quanto sabemos, o último entérro à maneira africana aqui realizado foi o de Custódio de Sapatá, o famoso Príncipe, testa coroada na África, pai-de-santo e o maior representante da raça na Pôrto Alegre de todos os tempos. Era jeje e morreu em 1936. Mais recentemente faleceu outra mãe-de-santo da nação Oiô, Andreza, em 1951. Mas seus funerais foram mais timi-

dos, sem toque de tambor em plena rua.

O de pai Florentino, oficiado por mãe Apolinária, ainda que reduzindo alguma coisa dos preceitos, obedeceu corretamente os ditames africanos.

O cortejo fúnebre (dispensado o carro), andou a pé desde o fim da linha de Petrópolis até o cemitério da chamada colina melancólica. Saiu da casa mortuária balançando no ar, alçada pela mão piedosa dos crentes irmãos. Batiam os tambores rituais e todas as bocas cantavam em língua africana o "ateté" de despedida. Onde duas ruas se cruzavam, paravam. O esquife era depositado sobre duas cadeiras simples, que eles mesmos levavam à mão. Então os cren-



MORTO o pai-de-santo nagô Florentino Pereira da Silva, seu cadáver jaz no esquife funerário. A cabeceira, a imagem de São Jorge, protetor do terreiro, no Sul sincretizado com o orixá Ogum, pai da guerra e do ferro.



COMEÇA o despacho dos objetos rituais pertencentes ao falecido, sendo oficiante mãe Apolinária. No saco vão os cuiás (fetiches) e vasilhas (já quebradas) relativas a Bará, deus das encruzilhadas, que impera grande respeito

tes formavam roda, dançavam e cantavam com os tambores tocando e os olhos chorando. A roda ritual dançava no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Em dado momento retrocedia, dançando todos de costas e para trás.

Pode-se imaginar o espanto que causava o inesperado da cena, com toque de tambor, canto, dança, choro e as indumentárias coloridas dos filhos-de-santo.

Mas o restante das cerimônias fúnebres fica fora do alcance dos olhos profanos. É realizado na casa de culto, sempre com os indispensáveis tambores, essenciais à liturgia das religiões ditas primitivas. Entre "rezas" (toque, canto e dança) e sacrifícios de animais são "despachados" os objetos rituais do falecido, desde seus "cuiás" (fetiches, ou otás como se diz na Bahia) até os "amuletos" (representação de orixás em vulto, isto é, em escultura) e colares de guia. Uma semana antes de sua morte, p.1 Florentino a anunciara para o dia certo. Mandara contratar os tamboreiros e ditara suas últimas vontades. Morreu de fato no dia previsto e o despacho de objetos litúrgicos se fez no leito do Guaíba, conforme seu desejo expresso.

Os tambores africanos que os escravos negros nos legaram o acompanharam batendo até a última morada. Atiramos também, piedosamente, alguns punhados de terra sobre o caixão, depois de baixado ao fundo da sepultura rasa, enquanto os crentes cantavam:

DURANTE o velório tocam os tambores e os crentes, chorando, cantam e dançam ao redor do caixão, algumas vezes de costas, para trás.

"Eia fôni band
"Eia fôni bânã
"Atêê culão

Por mais que façam por ignorá-lo, o Rio Grande do Sul nunca esteve sozinho em relação ao resto do Brasil, mesmo em se tratando de assuntos negros. Em toda a nossa atividade jornalística temos procurado evidenciar esta unidade fundamental do Brasil, incluindo o Estado mais meridional da Federação.

Quem tiver olhos para ler e um mínimo de simpatia para compreender, encontrará o mesmo fune-

EM seguida é despejada a água das quartinhas de santo. Todo filho-de-santo que souber da morte fará o mesmo pelo período de sete dias.





NOS cruzamentos de ruas ou à porta do cemitério como na foto, o cortejo se detinha. Acompanhando o ritmo dos tambores, os crentes tornam a cantar e dançar em fila, evoluindo, triste, ora para a frente, ora para trás.



NO centro da roda de dança e em plena luz do dia fica o esquife do pai nagô. Cena estranha para muita gente, mas é a única forma que possuem os crentes para enterrear os seus mortos queridos e expressar seu sentimento.



ral aqui descrito em diversas zonas do Brasil e em várias épocas, no todo ou em partes.

Quanto à Bahia o referem Nina Rodrigues, Manoel Querino e Edison Carneiro, respectivamente no princípio do século ("Os Africanos no Brasil"), em 1917 ("Costumes Africanos no Brasil") e 1948 ("Candombles da Bahia"). Sobre Pernambuco basta consultar Gonçalves Fernandes e René Ribeiro, respectivamente em 1937 ("Xangôs do Nordeste") e 1952 ("Cultos Afrobrasileiros do Recife"). Para finalizar citaremos um último nome, o de Mello Moraes Filho, que relata o mesmo no Rio de Janeiro em 1830 ("Festas e Tradições Populares do Brasil", 1901).

Com segunda intenção deixamos Mello Moraes para o fêcho. Precisamente nesse trabalho sobre um funeral negro realizado na capital do Brasil recém independente escreveu ele um maravilhoso julgamento sobre o nosso escravo. Suas palavras nos voltaram tenazmente à lembrança enquanto observávamos este último funeral nagô em Porto Alegre. Assim disse Mello Moraes Filho: "Percorrendo a história, deixando iluminar-nos a fronte a luz amarelenta das crônicas, não sabemos quem maior influência exerceu na formação nacional desta terra, se o português ou o negro. Chamado para juiz nesta causa, necessariamente o nosso voto não pertenceria ao primeiro".

ANTES de cerrar pela última vez o caixão e de igual para igual, mãe Apolinária se despede comovida de seu velho e bom amigo Pai Florentino



DEPOIS de um último balanço dançado nas mãos dos crentes amigos, o esquife está pronto para baixar ao seio da terra. Os tambores, sempre os tambores em todos os atos de culto afro-brasileiro, marcam o ritmo do funeral.

OS tocadores desviam o olhar em sinal de dor. Note-se a mulher batendo tambor, fato que não é raro em Porto Alegre. O couro dos instrumentos, como na África tradicional, é estirado por cordas, dando o som apropriado.



BATENDO lá em baixo sobre o caixão, ouviu-se o som cavo dos punhados de terra lançados pelas mãos da solidariedade humana. Terreiro final de um chefe-de-culto.

